

## QUADRO “A BOBA” – ANITA MALFATTI

Gilson Alberto Novaes

*THE SILLY, PAINTIG. BY ANITA MALFATTI (eng)*

Uma das obras mais importantes de Anita Malfatti, o quadro “A Boba”, pintura criada entre 1915 e 1916, ao longo de sua estada nos Estados Unidos, representa uma fase em que a pintura de Anita absorve sólidos e duradouros motivos.

A tela mede 61,0 X 50,6 cm. e pertence à Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – USP. É uma das criações mais contundentes do modernismo brasileiro, bem como o clímax de seu trabalho expressionista.

Seu título – “A Boba” forma um palíndromo - pode ser lida tanto da direita para a esquerda, quanto da esquerda para a direita.

Alguns críticos de arte, afirmam que a boba é a própria Anita.

Apresentando elementos cubistas e futuristas, além de variadas cores, o retrato traz uma única protagonista, uma jovem, expressiva, em primeiro plano. Observamos que, já nessa obra, Anita deforma as formas básicas da sua personagem. O fundo do quadro, é feito de pinceladas largas.

Nessa obra Anita não se limitou a reproduzir a aparência física da figura de forma realista. Acabou expressando uma personalidade, um estado de consciência, um estado mental, que talvez nem todos estejam preparados para ver, observar e menos ainda, para apreciar.

É impossível olhar para esse quadro e não nos lembrarmos de Van Gogh: as cores são muito fortes, com predominância do amarelo. Vemos, no contorno da cadeira, um traço clássico do artista holandês. Anita trabalha o óleo de uma forma muito livre, esfregando-o sobre a tela. Ao observarmos a cabeça da boba, vemos que o azul no fundo foi pintado depois do preto do seu cabelo, limite de até onde poderia ir seu pincel.

O óleo que Anita usou, foi diluído com óleo de linhaça e, também com terebentina, fazendo com que o azul em certos pontos, ficasse meio clareado, aguado, deixando ver em alguns lugares, o branco do fundo da tela.

Observando a iluminação e notando a cor amarela de sua blusa, percebemos que ela, a cor – é refletida em seu rosto e as sombras do rosto são coloridas no tom de terra. Também na testa da boba há um sombreamento preto em razão do cabelo. No cabelo, há um brilho, tanto em cima na cabeça, como na sua lateral.

A separação do seu cabelo, mostra um movimento curvilíneo da cabeça, criando um movimento na diagonal, o que é acompanhado pelos olhos da boba, que estão olhando para cima.

A boba tem uma expressão levemente sorridente, mas é um sorriso enigmático! O que ela estaria olhando? Onde ela estaria sentada? O título “A Boba” faz parte da composição!

O conjunto maior da tela é a parte em amarelo, o personagem e a cadeira. O amarelo e o branco junto, criam efeitos luminosos de brilho. Na blusa da boba, percebemos isso claramente, o que parece também no seu rosto. Sua pele é da mesma cor da blusa, com pequenos nuances. É provável que ela esteja sob um foco de luz amarela, o que deixa dúvidas, pois seu cabelo preto não reflete a cor amarela. Na obra temos três planos simples: a boba, a cadeira e o fundo!

Numa das mais renomadas pintoras brasileiras que, superando seu problema físico, enfrentou toda sorte de preconceitos, tornando-se uma das principais protagonistas da Semana de Arte Moderna em 1922, e abrindo caminho para o modernismo brasileiro – Anita Malfatti.

Segundo sua biografia, escrita por Diva Frazão, Anita Catarina Malfatti, nasceu em São Paulo em 02 de dezembro de 1889, filha de Samuel Malfatti, um engenheiro italiano e de Betty Krug, descendente de alemães e de nacionalidade norte-americana. Faleceu em 06 de novembro de 1964.

A artista aprendeu as primeiras letras no Colégio São José, estudou na Escola Americana e em 1897 ingressou no Colégio Mackenzie. Com 13 anos, sem saber que rumo tomar na vida, Anita resolveu se suicidar deitando-se debaixo dos dormentes da linha do trem, e segundo ela: “Foi uma coisa horrível, indescritível. O barulho ensurdecedor, a deslocação do ar, a temperatura asfixiante deram-me uma impressão de delírio e de loucura. Eu via cores, cores e cores riscando o espaço, cores que eu desejaria ficar para sempre na retina assombrada. Foi a revelação: voltei decidida a me dedicar à pintura”.

Como vimos, Anita tinha ascendência européia – italiana e alemã. Nasceu em pleno “pós-impressionismo”, tendo passado pelo expressionismo, pelo cubismo e modernismo.

Precursora, vanguardista e uma das principais responsáveis pela renovação da pintura no nosso país, Anita é uma figura que merece ser conhecida.

As obras de Anita Malfatti quebraram o modelo tradicional e acadêmico de pintura, que valorizava o real. Com suas cores vibrantes, pinceladas visíveis, destaque nas expressões, descompromisso com o real, fazia uma quebra com o modelo artístico da academia de até então.

Em razão de sua atrofia na mão direita, era uma pessoa muito reclusa. Por isso, aprendeu a pintar com sua mãe, usando a mão esquerda e tendo os cuidados de uma governanta. Pelo seu modo de ser, para alguns, parecia ser frágil. Não era!

Com dezenove anos - em 1910, com a ajuda de um tio e do padrinho vai para a Alemanha estudar na Academia Real de Belas Artes em Berlim. Ali, bebe na fonte do expressionismo alemão cujo objetivo era expressar o emocional, distorcer formas e usar cores pouco reais.

Em 1915 viaja para Nova York para estudar na Arts Students League e, também na Independent School of Art, onde encontra artistas e professores muito ligados ao expressionismo. Aí, acontece sua libertação definitiva. Já era adulta e, portanto, muito segura de toda essa transformação, que ela sabia, viria acontecer. Foi nesse período que pintou a tela “A Boba”.

Seguiu célere com a sua arte!

Seduzida pelas teorias daquilo que ela mesmo chamava de arte moderna, coloca todo o seu talento e arte a serviço de uma nova espécie de caricatura. Anita passa a pintar a seu modo!

De volta à São Paulo em 1917, com 28 anos de idade, por insistência e estímulo de Di Cavalcanti, expõe seu trabalho, um conjunto de 53 obras entre pinturas, aquarelas, gravuras...

Essa exposição causou uma revolta na imprensa paulistana!

Nessa época, São Paulo começava construir sua história cultural, existindo já, mesmo que timidamente, um grupo de pessoas interessadas em cultura, que mais tarde formou o grupo modernista – Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Graça Aranha, Di Cavalcanti.

A crítica na imprensa foi muito pesada, contundente, agressiva, perversa! Essas críticas partiram de Monteiro Lobato, que, com um artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 20 de dezembro de 1917 intitulado “Paranóia ou Mistificação? – A Propósito da Exposição Malfatti” - torna-se o maior alzoço de Anita, afastando dele os modernistas de então.

Em sua obra *História da Feiura*, Humberto Eco, inicia o capítulo XIII “A vanguarda e o triunfo do feio”, mencionando que, “para Carl Gustav Jung, o feio de hoje é sinal e indício de grandes transformações por vir. Isso significa que aquilo que será apreciado amanhã como grande arte, poderá de todo modo, parecer desagradável hoje e que o gosto está sempre atrasado em relação ao aparecimento do novo”.

Diz mais o autor: que “os autores se aplicavam para “chocar o burguês”, mas o público em geral (e não só o burguês) não ficava apenas chocado, mas também escandalizado”.

Essas afirmações se encaixam bem no que ocorria em São Paulo naquela época, quando a cidade estava começando construir sua história cultural.

Monteiro Lobato era um artista plástico acadêmico, o que fez com que a academia buscasse destroçar o modernismo. Os acadêmicos prezavam a rigidez, a técnica e os rigores da academia. É evidente que naquela época, ninguém se atrevia a fazer algo parecido com as obras de Anita.

Com a crítica publicada, muitos dos que já haviam adquirido os quadros de Anita, os devolveram, o que trouxe considerável prejuízo e sério constrangimento à artista!

Alguns anos depois, em 1922, acontece a Semana de Arte Moderna e Anita integra, com Tarsila do Amaral e mais Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, o conhecido “grupo dos cinco”, formando o “núcleo duro” da Semana de 22.

Depois da Semana de 22, Anita volta para a Europa, permanecendo em Paris por um bom período, bebendo de todas as fontes! Estamos no limiar de 2022, quando comemoraremos o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.

Segundo o artista Fábio Campos, “os críticos tentam, no Expressionismo, entender coisas que não são para entender, não racionalmente e sim com o olhar”.

Temos um enigma: o que pensava “A Boba” de Anita Malfatti?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALFATI, ANITA. A Boba. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1381/a-boba>. Acesso em: 24 de novembro de 2021. Verbete da Enciclopédia.

CARDOSO, Renata Gomes. **Anita Malfatti em Paris**, 1923-1928. *19&20*, Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas\\_amalfatti.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_amalfatti.htm)

ECO, Humberto, 1932. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007

## OUTRAS REFERÊNCIAS

FRASÃO, Diva – Biografia de Anita Malfatti – [eBiografia.com](http://eBiografia.com)

Análise da obra “A Boba” de Anita Malfatti [https://www.youtube.com/watch?v=4oEBA\\_tRME0](https://www.youtube.com/watch?v=4oEBA_tRME0)

Análise de Wagner Schwartz: <https://www.wagnerschwartz.com/a-boba>